



Resenha

Grégoire Chamayou e a “genealogia do liberalismo autoritário” e “ingovernável”

Grégoire Chamayou and the “genealogy of authoritarian and
ungovernable liberalism”

Grégoire Chamayou y la “genealogía del liberalismo autoritario e
ingobernable”

Marcelo Micke Doti¹

Centro Educacional Paula Souza (CEETEPS/Fatec), Araraquara-SP, Brasil

O livro de Grégoire Chamayou sobre a *Sociedade Ingovernável* se insere em uma trajetória que já se vai fazendo tradição dentro da atual crítica francesa – entre outras – às formas neoliberais não só de acumulação de capital, mas também às de governança. Ou pior: suas formas atuais de “desgoverno” e projetos sociais de construções de novas subjetividades. Subjetividades essas, calcadas sobre determinada maneira de expressar-se como um elemento mercantil em seus afetos e emoções: uma política da subjetividade estabelecendo homologia entre o “eu” e “empresa”, ou seja, o eu-empresa. A própria imagem de si como mercadoria e os controles cognitivos e educacionais voltados para a “eficiência”; educação transformada em capacidade de emprego somente e não a visibilização dos indivíduos e suas existências. Um “eu-empreendedor” feitor de si mesmo (com a ambivalência necessária e proposital para a palavra feitor) e disposto a ser parte do mercado, vida para o mercado. Trata-se, então, de uma nova maneira pela qual as configurações do capital e sua reprodução, bem como a reprodução social e política alcançaram para tornar as individualidades mais estruturadas dentro de um projeto de poder cada vez mais voraz.

Dentro desta referida tradição encontram-se livros como de Boltanski e Chiapello (2009), bem como de Dardot e Laval (2016).² Chamayou, com este

¹ Professor e pesquisador em regime integral (RJI) do CPS (CEETEPS) do Estado de São Paulo na Faculdade de Tecnologia (Fatec/Campus de Araraquara/Mococa), psicanalista (IBPC/Campinas e Espaço Lacan/Sedes Sapientiae) e onívoro intelectual. Formado em Ciências Econômicas (Unesp/FCLAr) estudando a problemática e dimensões do trabalho em Marx. Mestrado em Filosofia Política (Unicamp/IFCH) e em Sociologia (Unesp/FCLAr) abordando a "Ontologia do Ser Social", o conceito de irracionalismo e os problemas advindos desses conceitos e G. Lukács. Doutorado em Planejamento de Sistemas Energéticos (Unicamp/FEM) defendendo tese sobre filosofia da natureza, espaços antropogênicos e os problemas da civilização atual seguindo no pós-doutorado em Pesquisas Energéticas (UFABC/CECS) com mesmo tema.

livro, vem acrescentar mais uma nova crítica às formas atuais de expressão política e social das mitigações da subjetividade, destituindo-as – todas as subjetividades – de suas expressões transformadoras do social e dos potenciais revolucionários e horizontes de alternativas à reprodução capitalista.

O livro de Chamayou procura demonstrar – assim como em outra chave já o fizeram Dardot e Laval em *A Nova Razão do Mundo* – como o neoliberalismo se colocou para além de simples regras do chamado Consenso de Washington no qual determinadas diretrizes foram traçadas no sentido de converter países devedores ou em “desordem financeira” em *organizações*³ exemplares, em extensos territórios ativos financeiramente para a expansão dos novos e “turbinados” capitais especulativos. Naomi Klein em seu estudo detalhado e exaustivo, *A Doutrina do Choque* (2008), já nos mostrou esses processos dentro das esferas governamentais. Sabemos que essas diretrizes nada mais são do que a produção dos Estados em agentes financeiros ou “correias de transmissão” da acumulação privada de capital financeiro em larga escala para grandes conglomerados produtivos-empresariais-financeiros. Em Chamayou, encontraremos as forças empresariais atuando dentro das estruturas sociais e políticas desenvolvendo a empresa-governo, a empresa como modelo por excelência da “gestão”⁴.

Chamayou sugere outra interpretação, complementar, articulada e paralela tecendo outros fios com as anteriores. Dentro dos marcos bibliográficos acima, bem como dentro da perspectiva das classes sociais envolvidas, sobretudo trabalhadores e excluídos – ou vastas massas populares dos enormes exércitos industriais de reserva –, irá nos propor a perspectiva pragmática da luta de classes: como ela é feita, posta em prática por políticas estabelecidas pela classe de maior penetração governamental. Neste caso, as grandes empresas como os formuladores de políticas socioeconômicas. Em outros termos, usando de documentos governamentais e empresariais, vai nos mostrar a orquestração desse “liberalismo autoritário”, mostrar-nos que ele não é novo e suas raízes remontam ao debate entre o jurista antifascista Hermann Heller e Karl Schmitt em 1933. Naquele contexto já era expressa a concepção que o bom funcionamento da economia de mercado prescindia da politização social e de um Estado forte. O Estado neoliberal certamente está muito distante

² Desnecessário excursionar por estas obras dentro de uma resenha. Pode-se, tão somente, apresentar rapidamente os elos essenciais delas com a obra presente de Chamayou: pensar o regime de acumulação neoliberal não somente como políticas econômicas, mas toda uma forma de políticas de subjetivação, políticas sociais e públicas, formas de conhecimento, campos cognitivos entre tantos outros pontos ou articulações em comum.

³ Propositamente faz-se aqui uma extensão conceitual de país/nação-organização. O vocabulário neoliberal, não por um acaso, transformou as contas e as políticas públicas em uma continuidade homóloga àquela da empresa/organização. Por isso não ser sem motivo a grande mídia ou mídia tradicional comparar Estado e empresa no quesito “saúde financeira”. Para isso veja o caso brasileiro com a lei do teto de gastos e responsabilidade fiscal: todas formas muito bem-organizadas e executadas legislativamente para garantir a finança pública como instrumento da acumulação de capital privado. Em outros termos: o Estado se transforma em *agente financeiro* ou “correia de transmissão” de acumulação de capital para os grandes conglomerados do setor, especialmente por meio da dívida pública.

⁴ Notar neste sentido como a palavra *gestão* incorporou-se no vocabulário não só político, mas também acadêmico e cotidiano: gestão e suas técnicas como modelo perfeito da eficiência. A gestão transforma-se em ideologia: não há mais governo e sim gestão de grupos no poder; as disputas eleitorais se dão em torno de gestores e não de processos socioeconômicos.

de ser fraco como querem determinadas instituições e agentes financeiros: ele é profundamente ativista e promotor econômico, mas tão somente para os setores sociais do espectro financeiro da luta de classes.

Dividida em seis partes, a obra de Chamayou vai revelando pouco a pouco cada uma das formas pelas quais a sociedade, trabalhadores, sindicatos etc., vão sendo desmontados para a atuação do neoliberalismo como atitude de classe. Para nós, o mais essencial do livro, reside no fato de que o neoliberalismo e a governança ingovernável social deixam de ser “abstratos”, tratados como algo posto e distante, ou algo sem forma e agindo com automatismo econômico exemplar da reprodução do capital, ou seja, um mero discurso, o “neoliberalismo”.

O capital e suas configurações (o capitalismo) não se reproduzem automaticamente, são necessárias “decisões” dos entes econômicos. O campo dessas decisões e como governar é foco do autor. O teórico e filósofo francês vai demonstrar que não há um neoliberalismo, mas agentes de classes atuando para que determinadas ações contra trabalhadores, operações financeiras e produtivas ocorram. Seria mais ou menos “dar nome aos bois” ou, em linguagem mais adequada à luta social e ao meio acadêmico (que deve ser expressão da luta social, pois não cumpre seu papel social se não o fizer e, além disso, joga-se na berlinda de sua própria destruição como os agentes neoliberais o desejam), mostrar quem são e como operam as pessoas, grupos, *think tanks* etc., representantes dos interesses neoliberais do outro lado social, do lado que não os interesses das políticas públicas ou dos ganhos e riquezas para os trabalhadores e os menos favorecidos socialmente.

Ao longo das seis partes em que se compõe o livro, ele analisa as técnicas de controle e repressão tanto das empresas como do Estado no sentido de subordinar trabalhadores e todo o espectro classista ligado a esses. Essa despolitização é essencial, pois ao se diminuir direitos e limitar ganhos sociais e de renda, “constrói-se” a possibilidade de revoltas e fugas da ordem. Evitar isso depende da correta promoção de técnicas e artifícios nos quais se possa “convencer” os deserdados progressivos da ordem a aceitarem “de bom grado” serem destituídos. Neste ponto outro autor da tradição francesa é caro e caro à argumentação de Chamayou: fala-se aqui de Foucault.

Um exemplo da abordagem de Chamayou é colocar a empresa e seu gerenciamento como forma de governo. Já assinalado, mas com ênfase não apenas na linguagem (ver nota 03) e sim em todo o aparato construído pelas grandes corporações empresariais/financeiras. Estas, mais do que em qualquer outro momento dentro do século XX, passam a ser instituições de governança e não mais os agentes ou entes políticos. As empresas tornam-se formas de governo tão imbricado com os poderes públicos que a democracia liberal passa a ser alvo de críticas cada vez mais ferozes pelas classes subalternizadas. É neste sentido, por exemplo, que partidos de esquerda possuem cada vez menos margens de atuação política visto a governança estar mais dentro das instituições empresariais/financeiras. Ótimo retrato atual em nosso país é toda a discussão sobre a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) da transição e colocar, ao menos por dois anos, o programa *Bolsa Família* fora do teto de gastos. A nomeação de ministros – novamente tomando a atualidade brasileira – como Fernando Haddad torna-se, nesse espectro, um “risco financeiro” para esses mercados especulativos. Lênin já colocava em *O Estado e a Revolução*

o parlamento como balcão de negócios da burguesia. Mal poderia imaginar que esse balcão seria cada vez mais forte e cada vez mais apertado por teias e fios mais articulados, entrecruzados e rigidamente sufocantes para o desempenho de políticas públicas e tentativas de alguma decência no resgate social.

Acreditamos que por estes breves e rápidos motivos, estes apontamentos ligeiros e bastante diretos, são mais do que suficientes para a leitura e estudos do livro de Chamayou. Mais do que isso, também são suficientes para colocar o livro de Chamayou já entre os “clássicos” da análise fina e acurada, direta e objetiva para a investigação das formas e críticas necessárias ao neoliberalismo, sobretudo ao tocar diretamente na perspectiva classista e não em uma miragem agenciadora econômica do neoliberalismo. Enfrentar a lógica neoliberal destruidora de todas as políticas públicas – inclusive aquelas que atingem a educação e a própria existência de quem lê estas linhas – exige entender não somente suas operacionalizações, mas também quem são e como agem as classes e seus asseclas, seu corpo de teóricos e formuladores públicos e empresariais em torno da acumulação altamente centralizada de riqueza para alguns e instrumentalizada da pouca riqueza bem como da subjetividade para outros.

Referências

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

CHAMAYOU, Grégoire. **A sociedade ingovernável: uma genealogia do liberalismo autoritário**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

Enviado em: 19/setembro/2022 | Aprovado em: 06/abril/2023